

Aler

ENTREVISTA

# Uma década depois: “Foi o único passo possível”

Teresa Salgueiro, música

PAULA HENRIQUES  
phenriques@dnoticias.pt

Teresa Salgueiro vem ao Funchal para dois concertos integrados no Festival Literário da Madeira nos dias 17 e 18 no Teatro Baltazar Dias. De partida para Ancara, aceitou falar sobre o novo trabalho e sobre o percurso de uma década a solo.

O que é este 'Horizonte' e o que representa para si? É um disco que chegou a ser composto mais ou menos quando começou na viagem do disco anterior, 'O Mistério'. É o segundo passo num percurso de certa forma novo para mim em que eu me apresento enquanto autora de música e letras. Os instrumentos utilizados são os mesmos do disco anterior, uma bateria, percussão, duas guitarras e um acordeão.

Sentiu necessidade de escrever as suas letras e músicas? Como tem sido esse processo?

É um processo muito desafiante, muito interessante, libertador de certa forma. Mais do que uma necessidade, quando eu saí dos Madredeus em 2007, eu disse para mim 'eu não vou desistir da música'. E tive de imediato a vontade de continuar um percurso em que a criação de um repertório original fosse o centro da minha actividade. Para encetar esse processo, precisava de encontrar parceiros que fossem pessoas com uma disponibilidade e a mesma vontade de querer fazer repertório. E foi um processo longo, encontrá-los.

No início de 2008 fui desafiada por um dos músicos que ainda hoje está comigo que é o baterista e percussionista, aliás também toca guitarra, e é comigo produtor dos discos, que é o Rui Lobato. Tivemos a sorte de encontrar o contra-baixista que está conosco há cerca de dez anos, que é o Oscar Torres. É este o núcleo que tem vindo a caminhar ao longo destes anos. O acordeonista e o guitarrista têm vindo a mudar.

Este repertório é mais representativo de quem é e do que quer dizer? É completamente diferente ser apenas intérprete. Mas mesmo no caso do Madredeus é um caso muito singular, porque de facto eu era

intérprete mas era de um repertório que era feito para mim e que era completamente original e que chegava ao público através da minha voz. Era bastante meu. Eu sentia que vestia completamente aquela camisola, por assim dizer, como vesti durante 20 anos, foi uma entrega total. Foi também uma grande escola para mim, eu cresci no palco com aquelas canções porque sou praticamente autodidacta, a minha grande escola é o palco.

É completamente diferente ser intérprete e fazer a minha própria música, de facto há aqui uma responsabilidade total nas ideias que são apresentadas na música que é feita. E não só. Na motivação de um grupo de músicos para abraçar esta actividade, na produção dos discos. Realmente esta é mais a minha voz singular e o meu pensamento. A escrita das letras reflecte muito a minha forma de ver o mundo e de me relacionar com os outros.

Está a fazer praticamente dez anos que a Teresa deixou os Madredeus. Foi o passo certo? Foi, sem dúvida. Foi o único passo possível. Antes de paramos tínhamos falado numa série de formas de nos organizarmos. Houve duas formações principais, uma que durou os primeiros dez anos, outra nos segundos dez, e foi uma vida muito intensa, de constante viagem e sempre à procura da forma ideal de calendário, por assim dizer, que permitisse a todas as pessoas que tinham famílias, ter uma vida possível e satisfatória enquanto músicos, mas também permitindo que cada pessoa tivesse uma vida pessoal. Tínhamos parado durante um ano e tínhamos equacionado uma série de fórmulas, por assim dizer, possíveis, e depois aquilo que me foi proposto, ao final de um ano, foi um calendário completamente diferente e com uma grande inflexibilidade. Portanto eram sete anos de prioridade e era ou isso, ou nada. Se é isto ou nada, então para mim tem de ser nada. Não havia outro caminho possível. Foi o passo certo. E foi um passo que me levou a abraçar a aventura da música de outra forma.

Como é que tem sido a recepção em nome próprio? Sinto que as pessoas têm um grande carinho por



Teresa Salgueiro estava de partida para Ancara, ia a Genebra e à Sicília antes do Funchal. FOTO DR

**“SOU UM ARTISTA QUE AS PESSOAS CONHECEM BEM, MAS NO FUNDO SOU UM NOVO ARTISTA”**

mim e sinto que têm curiosidade por aquilo que eu faço. Sinto que esperam sempre, ou me ligam obviamente a uma música que eles conheceram durante tantos anos cantada por mim e que eu estou a propor uma coisa diferente. E isso nem sempre é fácil. As pessoas têm uma expectativa, têm uma imagem formada, no fundo eu sou um artista que as pessoas conhecem bem, mas no fundo sou um novo artista. Há aqui um caminho a percorrer.

Durante o primeiro ano de tournée do 'Mistério', o repertório que eu apresentava no concerto era ex-

clusivamente desse disso, era música que as pessoas não conheciam de lado nenhum. Foi bastante exigente, mas correu bastante bem, o público aderiu. Depois aos poucos senti necessidade de ir agregando alguns temas, porque gosto de cantar muitas coisas.

Da fase dos Madredeus? Não só. Mantive alguns temas, fui buscar outros que me apeteceu cantar porque também homenageiam figuras que são pilares e são fundamentais na cultura portuguesa e também na minha formação e no meu amor pela música portuguesa e pela nossa cultura. E depois comecei a introduzir alguns temas dos Madredeus. Dois, três, nunca são muitos, que sinto que faz sentido que eu os cante, as pessoas estão à espera.

Foi difícil deslocar da imagem que as pessoas têm da Teresa dos Madredeus? Não é difícil deslocar. Também não quero deslocar dessa imagem. Essa é a pessoa que eu sou. Essas canções são um património que eu ajudei a levar ao mundo durante muitos anos e ele faz parte da minha estrutura também enquanto pessoa, enquanto música.

Não houve uma preocupação em criar uma sonoridade distinta? Há uma preocupação em criar uma linguagem original. Mas essa linguagem não é uma linguagem que nega o passado. É uma linguagem até que se inspira nalguma sonoridade dos Madredeus, do início. É uma sonoridade que por um lado é bastante inovadora, que permite um tipo de arranjos com uma sonoridade bastante actual, mas ao mesmo tempo ir buscar influências ancestrais da nossa cultura, não só pensando na música dos Madredeus - que também já fazia essa síntese - mas ir buscar uma sonoridade mais acústica. Plasticamente é muito versátil.

Este concerto no Funchal vai ser exclusivamente com 'O Horizonte'?

É um concerto em que o fio condutor é de facto o repertório de 'O Horizonte', mas em que depois se apresenta algum repertório clássico da música portuguesa, homenageia também os Madredeus. Portanto há um repertório que é mais familiar a algumas pessoas e outro que é o de 'O Horizonte', algumas pessoas conhecerão, outras não.